

História com H maiúsculo:
Viva CIRO FLAMARION CARDOSO!

Diorge Alceno Konrad*

Sou de uma geração que não tínhamos Teoria e Metodologia da História em nossos currículos para formar o historiador. Coisas da ditadura civil-militar e do crime intelectual que tentaram fazer conosco. Hoje, sou um dos professores de Teoria de meu Departamento. Cheguei a isto mais como *autodidata*, sendo estimulado por alguns mestres a conhecer a um dos maiores historiadores que nosso país já produziu. Ele e suas obras ajudaram a consolidar o caminho: CIRO FLAMARION SANTANA CARDOSO.

Para quem iniciou sua graduação em 1985, *Uma introdução à História* (e não *A introdução...* como gostavam de dizer aqueles que diziam que atrás dos fatos não havia teoria) e *Os métodos da História*, escrito a quatro mãos com Héctor Pérez Brignoli, abriram as portas de uma história em construção, com a referência central do materialismo histórico e dos Annales, especialmente em *Os métodos...*, uma homenagem nada insignificante a Pierre Vilar e Maria Yedda Linhares.

Era uma história militante nos cursos de graduação em História, tão militante como muitos de nós que se aventuravam na formação acadêmica de um historiador, sem a falsa dicotomia entre o pesquisador e o professor, apesar de muitos levarem em seus currículos a honrosa licenciatura. Naquela época, Ciro Flamarion Cardoso era quem mais nos dizia sobre esta perspectiva, tanto que terminou seus dias dizendo que sua vida profissional esteve marcada “a favor do paradigma integrado tanto pelo marxismo quanto pela tendência ... dos Annales, contra uma concepção ainda muito forte na América Latina ...positivismo e historicismo”.

Ciro Flamarion Cardoso opinava desde a Antiguidade (destacando-se *O Egito Antigo*. São Paulo: Brasiliense, 1982; *A Cidade-Estado Antiga*. São Paulo: Ática, 1985; *Sociedades do Antigo Oriente Próximo*. São Paulo: Ática, 1986; *Antigüidade oriental: política e religião*. São Paulo: Contexto, 1990; *Deuses, múmias e ziggurats: uma comparação das religiões antigas do Egito e da Mesopotâmia*. Porto Alegre: PUC-RS, 1999; *Sete olhares sobre a Antiguidade*. Brasília: Editora da UnB, 1994), passando pelo

* Professor Associado do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em História da UFSM, Doutor em História Social do Trabalho pela UNICAMP.

modo de produção e os *mundos do trabalho* (especialmente *Historia Económica de América Latina*, Volume I - Sistemas agrários e História colonial. BARCELONA (Espanha): Editorial Crítica, 1979; *Agricultura, escravidão e capitalismo*. Petrópolis: Vozes, 1979; *A Afro-América: a escravidão no Novo Mundo*. Rio de Janeiro: Graal, 1981; *O trabalho compulsório na Antiguidade..* Rio de Janeiro: Graal, 1984; *Economia e sociedade em áreas coloniais periféricas: Guiana Francesa e Pará (1750 - 1817)*. Rio de Janeiro: Graal, 1984; *O trabalho na América Latina Colonial*. São Paulo: Ática, 1985; *Escravo ou camponês? O proto-campesinato negro nas Américas*. São Paulo: Brasiliense, 1987; *Escravidão e abolição no Brasil : novas perspectivas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988; *Modo de Produção Asiático: nova visita a um velho conceito*. Rio de Janeiro: Campus, 1990), até onde mais influenciou na formação de jovens historiadores, na reflexão teórico-metodológica e historiográfica (*sobretudo com Los métodos de la Historia*. Iniciación a los problemas, métodos y técnicas de la historia demográfica, económica y social. Barcelona (Espanha): Editorial Crítica, 1976; *Uma introdução à História*. São Paulo: Brasiliense, 1981; *Ensaios racionalistas*. Rio de Janeiro: Campus, 1988; *Domínios da História*. Rio de Janeiro: Campus, 1997 (org.); *Narrativa, sentido, História*. Campinas: Papyrus, 1997; *A ficção científica, imaginário do mundo contemporâneo: uma introdução ao gênero*. Niterói: Vício de Leitura, 2003; *Um historiador fala de teoria e metodologia: Ensaios*. Bauru: EDUSC, 2005; *Novos domínios da História*. São Paulo: Campus Elsevier, 2011). Com uma vasta produção, fora os inéditos, chegou a 41 livros, destacando-se a parceria com Héctor Pérez Brignoli e Ronaldo Vainfas, 48 capítulos de livros e 79 artigos acadêmicos em periódicos, se tornando um dos maiores historiadores que nosso país já produziu.

Confesso que sempre me incomodou um pouco o Ciro que defendeu mais semelhanças entre o marxismo e a primeira geração dos Annales, especialmente ao igualar visões distintas da história total de Marc Bloch e Lucien Febvre com a dialética totalizante originada de Karl Marx e Friedrich Engels, que referenda a “história econômico-social”, mas não se reduz a ela. Não estou de acordo, como sempre defendi em minhas aulas, com uma possível semelhança da “longa duração” secular da História Nova, ou Annales, como queria Ciro, contraposta ao “tempo longo” do modo de produção, o tempo histórico por excelência do materialismo histórico. A separação radical entre os Annales e a chamada “Nova História”, esta tão criticada por Ciro Flamarion em um capítulo dos seus *Ensaios racionalistas*, sempre me pareceu que oblitera a origem da fragmentação histórica contemporânea da “terceira geração” dos

Annales com a “primeira”, de 1929 e de Bloch e Febvre, mas fiquei exultante quando o grande historiador, que agora nos deixou um pouco órfãos, escreveu em 1988: *“Suponho que minha opinião acerca da ‘Nova História’ tenha ficado suficientemente esclarecida. Trata-se de uma tendência basicamente reacionária. Mas a maneira correta de combatê-la é retomando, adequadamente, as temáticas por ela abordadas, que são em muitos casos pertinentes e solicitadas pelo momento atual. ‘Adequadamente’ significa, acima de tudo, no contexto da recusa de uma compartimentação setorial estanque da História; e da reafirmação da cognoscibilidade do todo social, mostrando ser ele pertinente para o conhecimento adequado dos aspectos mais parciais, específicos, individuais”*. (p. 114).

Em entrevista à *Revista de História da Biblioteca Nacional*, na edição de setembro de 2012, Ciro disse: *“o marxismo está fora de moda há décadas, não é isso? Não me importa, porque não é por aí que vou escolher o que eu faço, o que eu acho. Eu sou uma pessoa de briga (...) Nossa historiografia está voltada para duas coisas que costumo combater: a nova história cultural e o pós-modernismo, nessa ordem”* (Disponível em: <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/entrevista/ciro-flamarion>. Acesso em 29 jun. 2013). Era uma espécie de epitáfio teórico, condizente com a sua coerência teórica, sem deixar de ser aberto à inovação temática, como vimos em *Domínios da História*, mas que reafirmava seu paradigma, não apenas da chamada História Antiga e da Egíptologia, onde era também especialista, mas do pensador que não queria apenas interpretar o mundo. Esta posição é clara quando parafraseou Jürgen Habermas e criticou a epistemologia pós-moderna: *“Hannah Arendt gostava de refugiar-se na Atenas antiga para não discutir problemas econômico-sociais contemporâneos incômodos (...) o abandono dos enfoques holísticos e a politização pulverizada que o acompanha nada têm de casual ou de politicamente inocente”* (*Um historiador fala de teoria e metodologia, Ensaios*. Bauru: EDUSC, 2005, p. 94).

Escrever às pressas sobre Ciro é temerário, pois a dialética pode ser ficar contida na emoção. Mas todos sabem, até os seus “desafetos” teóricos: Ciro Flamarion Cardoso escreveu uma História com H maiúsculo, principalmente em tempos que, como disse o extraordinário e rigoroso docente e pesquisador da Universidade Federal Fluminense, *“proclama-se à morte da História, a morte das ideologias, a morte das teorias globais”*. O grande historiador disse que *“certamente não gostaria de viver nesse futuro que pintam: um futuro morto. Ainda bem que se trata de um porvir tão reacionário quanto*

ficcional, construção pessimista e niilista que já agora não é tão difícil desmascarar e desmentir” (Idem, p. 112).

Caro Ciro, muitos de nós, especialmente do narxismo²¹, devemos muito a você, por esta possibilidade que nos legou para desmascarar e desmentir as teses do fim da História, “*sob o signo dos neoliberalismos e neoconservadorismos recentes*”, como você mesmo disse, os quais “*não passaram de teorias de intelectuais excessivamente ligados a regimes socialmente perversos e politicamente reacionários. Suas teorias fatalistas tornaram-se já, felizmente, impossíveis de sustentar, na atualidade, como tratavam de fazer nos anos que vão de 1984 a 1994*” (Ibidem, p. 35-6).

Nestas semanas que milhares de brasileiros retornaram ou chegaram às ruas pela primeira vez, lembro ainda mais do Ciro Flamarion Cardoso, cujo livro devorei pela primeira vez nos idos da década de 1980: “*O historiador brasileiro tem um compromisso iniludível com a sociedade na qual vive e age. O seu papel é o de pôr as suas capacidades profissionais à serviço das tarefas sociais que se impõem à coletividade da qual forma parte. Haverá alguma dúvida a respeito de tais tarefas num país dependente e marcados por desequilíbrios sociais tão flagrantes? (Uma introdução à História. Brasil. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1988, p. 123).*

Ciro, você não se foi em nossos corações e mentes, em nossos livros. Por isto e muito mais:

Viva CIRO FLAMARION SANTANA CARDOSO!